

O buraco é mais embaixo

Editado por Adriana Vandoni

Por Chico Bruno

A matéria de capa da revista Época aborda o estudo da Fundação Getúlio Vargas, que classifica as famílias com renda entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591 como integrantes de uma “nova classe média brasileira”, quando na verdade para se determinar quem é quem nas classes econômicas brasileiras é utilizado um intrincado critério de pontuação que vai muito além da renda familiar.

Na abertura da matéria, o primeiro personagem citado se surpreende com a sua inclusão na classe média.

- Classe média, eu?

A idéia surpreende Josineide Mendes Tavares, uma manicura de 34 anos, moradora da Rocinha, a favela mais conhecida do Rio de Janeiro.

Segundo Época, “sua freguesia, formada por mulheres da zona sul, que Josineide atende em domicílio, proporciona uma renda de R\$ 1.500 a R\$ 2 mil por mês. Ela e os dois filhos pequenos vivem numa casinha de 35 metros quadrados. Lá dentro, ela tem uma televisão de tela plana de 29 polegadas, nova, equipada com serviço de TV por assinatura e DVD. Fãs de Cartoon Network e Discovery Kids, as crianças assistem à televisão sentadas nas cadeiras de uma pequena mesa de jantar, porque na sala apertada não cabe um sofá. O fogão de quatro bocas é antigo, mas o freezer e a geladeira Josineide acaba de comprar. Na laje, um extenso varal com roupas da moda e uma lavadora de última geração. “Compro tudo em parcelas a perder de vista”, diz ela. Ainda faltam um computador e um videogame. Ah, sim. Josineide quer mais um celular. Ela já tem dois, mas diz precisar do terceiro para estar sempre à disposição da clientela. Josineide e os filhos formam uma família típica da nova classe média brasileira, segundo uma pesquisa divulgada na semana passada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), do Rio”.

- De acordo com esse estudo, nos últimos seis anos cerca de 20 milhões de brasileiros deslocaram-se da base para o miolo da pirâmide social. Até há pouco tempo classificados como pobres ou muito pobres, eles melhoraram de vida e, como Josineide, começam a usufruir vários confortos típicos de classe média, informa a revista Época.

Para a FGV, essa ascensão social revela uma excelente novidade: pela primeira vez na História, a classe média passa a ser maioria no Brasil. São hoje 52% da população (eram 44% em 2002) – ou 100 milhões de brasileiros.

A luz do novo critério de definição de classes econômicas brasileiras, a manicura Josineide, não se enquadra na classe média.

Pelo CCEB – Critério de Classificação Econômica Brasil criado em 2003 pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – ABEP, aprovado pela Associação Brasileira de Anunciantes - ABA e aceito pela Associação Brasileira dos Institutos de Mercado – ABIPEME, a manicura Josineide é definida com integrante da classe pobre (C).

Antes de 2003, pela classificação ABA/ABIPEME, existiam cinco classes sociais, assim definidas: alta (A), média alta (B), média baixa (C), pobre (D) e muito pobre (E). Depois disso, pelo estudo da ABEP, a classe alta foi dividida em duas: A1 e A2, a semelhança da divisão já existente para a classe média e agora, em janeiro de 2008, as classes foram novamente subdivididas.

A “nova classe média brasileira” é o embrião de um estudo da FGV. Mas, no primeiro momento isso não foi divulgado pela mídia. A notícia distribuída pela FGV foi assimilada pela imprensa de forma pacífica, mas neste domingo o Estadão e a Folha publicaram excelentes matérias que postei abaixo.

Até 1970 não havia um critério único, objetivo e geral, de classificação sócio-econômica dos consumidores. A partir desta década é que se iniciou uma discussão sobre a questão até se chegar à metodologia e os critérios empregados a partir de 2003 para classificar os estratos sociais brasileiros.

Segundo indicadores do desenvolvimento publicados em maio de 2000 pelo Banco Mundial, o Brasil possuía 24 milhões de miseráveis, 30 milhões de pobres, 60 milhões de quase pobres, 50 milhões de classe média e 2 milhões de ricos.

De 2000 para 2008 o país melhorou, mas com certeza não dá, ainda, para se afirmar que a classe média engloba metade da população do país como estima o estudo da FGV, pelo menos a luz do Critério Brasil que é utilizado para definir quem é quem em termos de classificação econômica.